

TABULEIRO DE LETRAS

ANO 01 - NÚMERO 01
Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

Entre trutas e periquitos: Um diálogo entre Sean O’Faolain e Graciliano Ramos

Elizabeth Ramos¹

RESUMO

A partir dos contos *A Truta*, do escritor irlandês Sean O’Faolain, e *Minsk*, do autor brasileiro Graciliano Ramos, este artigo analisa aspectos da reconfiguração da esperança de liberdade construída através do imaginário infantil e metaforizada pela relação criança-animal.

Palavras-chave: Sean O’Faolain, Graciliano Ramos, metáfora.

ABSTRACT

Taking from the short stories *The Trout*, by the Irish writer Sean O’Faolain, and *Minsk* by the Brazilian author Graciliano Ramos, this article analyzes aspects of the reconfiguration of hope for freedom built through the child imaginary, and the metaphor child-animal.

Key words: Sean O’Faolain, Graciliano Ramos, metaphor.

Da Irlanda emergiram, ao longo do tempo, literatura e autores bastante conhecidos entre nós. Jonathan Swift vem embalando, desde a alvorada do romance em língua inglesa, no século XVIII, a imaginação de jovens e as reflexões de adultos com o seu *Gulliver’s Travels*, narrado com o mordaz senso satírico irlandês. James Joyce inaugurou a nova estética do texto literário em língua inglesa, nos anos 20, do século passado, inserindo o fluxo da consciência nos conhecidos *Ulysses* e *Finnegans Wake*. Ganhadores do Prêmio Nobel de Literatura – Yeats, Bernard Shaw, Beckett e Seamus Heaney – mostraram ao mundo, através dos seus romances e textos dramáticos, as agruras da vida rural e das diferentes formas em que a injustiça social se manifesta.

Embora uma das mais antigas literaturas européias tenha traços bastante particulares, quando comparada às demais produções literárias e dramáticas em língua inglesa, o olhar que lança sobre o sujeito pode aproximá-la de textos produzidos em outros lugares de um mundo nem sempre tão antigo, como o Brasil.

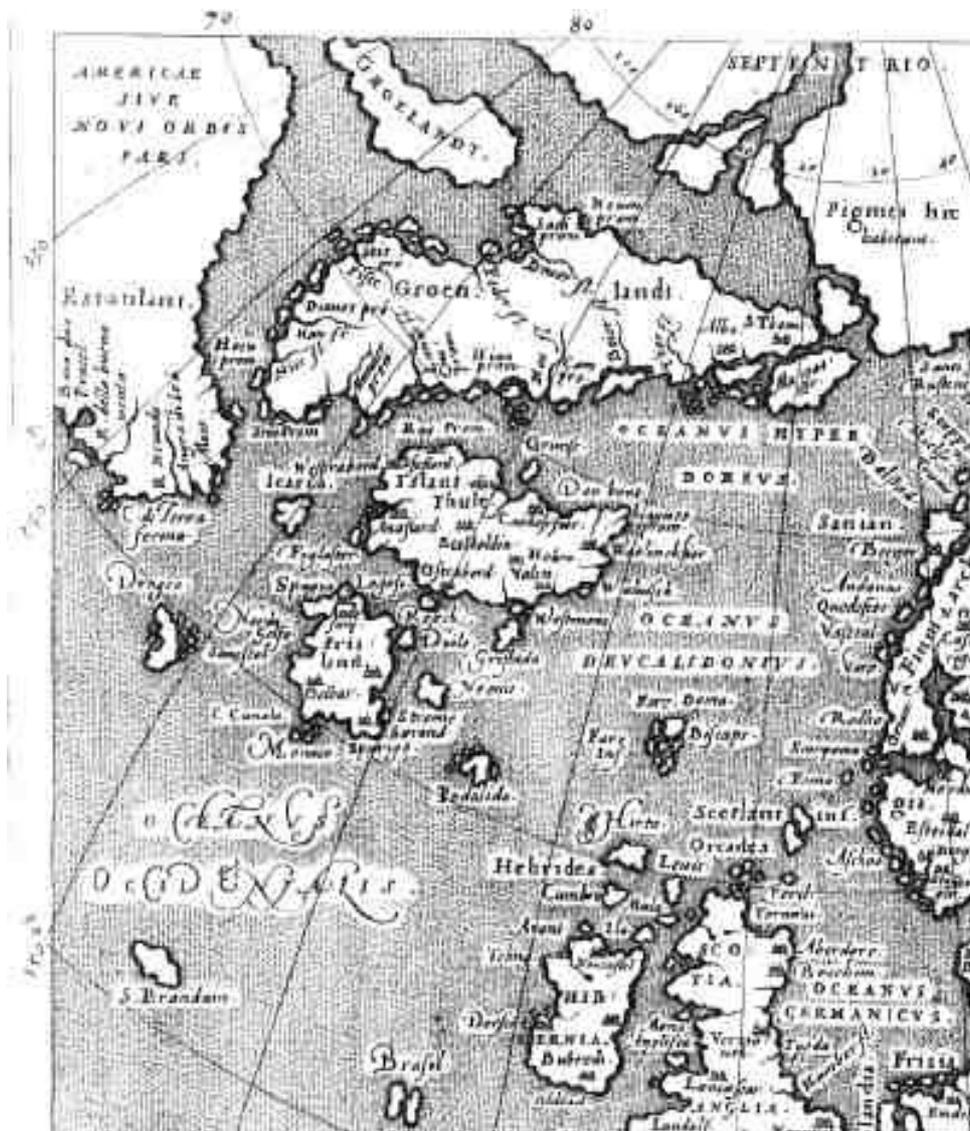
¹ Doutora em Letras e Lingüística pela Universidade Federal da Bahia, UFBA. Professora do Departamento de Línguas Germânicas e do Programa de Pós-Graduação em Letras e Lingüística da UFBA.

TABULEIRO DE LETRAS

ANO 01 - NÚMERO 01

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

Nesse sentido, um bom começo para tal tipo de abordagem é lembrarmos que entre as diferentes explicações para a origem do nome do nosso país, existe uma, pouco conhecida entre nós. Nos idos do século XIV, a Ilha Brasil era uma das que rodeavam o mundo então conhecido, e os mapas medievais a localizavam a oeste da Irlanda. Tal configuração é repetida e pode ser observada em diversos planisférios depois dessa época².



² Pedro Paulo A. Funari. In: *A origem do nome Brasil*, 14.08.2004. <http://www.ultratextos.com.br/ler.asp?id=1170>

TABULEIRO DE LETRAS

ANO 01 - NÚMERO 01
Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

Mas a relação Irlanda-Brasil não acaba aí. O historiador Pedro Paulo Funari informa que as mais antigas grafias do nome do nosso país aparecem como *Ho Brasile* (O Brasil), que em celta seria ‘terra dos bem-afortunados’, ‘ilha da felicidade’ ou ‘terra prometida’, derivando de ‘bres’, que, em irlandês, quer dizer ‘nobre, feliz, encantado, aquele que tem sorte’. Em outras palavras, o imaginário medieval criava, então, em celta, a ilha imaginária da fantasia, situada a oeste da Irlanda: *Ho Brasile* ou *Hi-Brazil*.



Detail from the Catalan map of 1350 showing the location of Hi-Brazil.
(Image from Donald Johnson's [Phantom Islands of the Atlantic](http://www.museumofhoaxes.com/hibrazil.html))
<http://www.museumofhoaxes.com/hibrazil.html>

O imaginário da fantasia, traço provavelmente herdado da tradição oral, pode ser nitidamente observado em representações literárias de crianças e animais não apenas na produção literária da Irlanda, mas também em obras produzidas em mundos tão distantes e aparentemente tão diversos, como o Brasil. Assim, ao se deter sobre dois contos – *A truta* de Sean O’Faolain e *Minsk* de Graciliano Ramos – o leitor contempla reconfigurações do universo da liberdade sob a perspectiva do imaginário fantasioso infantil.

Em 1900, nascia em Cork, na Irlanda, John Francis Whelan (1900-1991), que mais tarde trocava seu nome pela forma gaélico-irlandesa Sean O’Faolain [shon’ o fa’lin], como forma de restabelecer sua língua-materna, o irlandês ou gaélico-irlandês, que o governo britânico havia tentado reprimir no passado. Na condição de participante ativo do movimento republicano, O’Faolain mudou seu nome, para demonstrar apoio ao movimento de independência política e cultural de seu país, na revolução republicana, que conduziu a

TABULEIRO DE LETRAS

ANO 01 - NÚMERO 01
Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

Irlanda, controlada pela Grã-Bretanha durante séculos, ao *status* de república independente, em 1949.

Seu envolvimento na luta pela liberdade e sua capacidade de recriar imagens do país natal permitiram que O’Faolain, ao longo dos anos, produzisse romances, livros de viagens, biografias de irlandeses ilustres, embora se tenha tornado mais conhecido através dos contos de marcado lirismo em torno da classe média irlandesa e dos menos favorecidos na sua nação. Seus textos são trabalhados com habilidade, recriando inquietações universais, num *lócus* ficcional irlandês. Na literatura de O’Faolain estão sempre presentes a Irlanda, a vida dos irlandeses e as demandas com as quais o povo se defronta diariamente no que se refere ao nacionalismo, à sociedade e à religião.

Depois do sucesso de seus dois primeiros livros – a coletânea de contos *Midsummer Night Madness*, publicada em 1932, com título alusivo à famosa peça de Shakespeare, e do romance *A Nest of Simple Folk* (1933) – O’Faolin passou a se dedicar inteiramente à literatura. Apesar de ter estudado e escrito em irlandês, suas obras mais conhecidas, como *Bird Alone* (1936), *A Life of Daniel O’Connell* (1938) e o autobiográfico *Vive moi!* (1964), são em inglês.

Atravessando o Atlântico – a oeste da Irlanda, como mencionado acima – não em direção à “ilha da felicidade” ou do *Ho Brasile*, mas para o nordeste do Brasil, deparamo-nos com o escritor Graciliano Ramos (1892-1953). Tal como Sean O’Faolain, o autor brasileiro também é conhecido por sua capacidade de recriar imagens do país natal, com a preocupação de reconstruir aspectos da vida do sertão alagoano, trazendo à tona a injustiça social, a violência, a iniquidade que permeiam o cotidiano do sertanejo. Seu estilo conciso e árido de escrita reflete o ambiente onde vive o sujeito por ele recriado.

Graciliano produziu grande parte de sua obra literária, durante a ditadura do Estado Novo, de 1937 a 1945, mas, ao contrário de O’Faolain não se envolveu diretamente na luta contra a repressão. Seu apoio à liberdade e o desejo ardente de ver a desgraça do capitalismo eram depositados em seus personagens, muitos dos quais pichavam muros, distribuía

TABULEIRO DE LETRAS

ANO 01 - NÚMERO 01

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

folhetos incendiários e simpatizavam com a “idéia de fuzilar um proprietário por ser proprietário”. Desejos e idéias que o autor concretizou apenas na literatura.

Talvez, por essa razão, encontremos em *Memórias do Cárcere* o seguinte diálogo entre o preso político Graciliano Ramos e o advogado Sobral Pinto, constituído para defendê-lo:

- Porque é que o senhor está preso?
- Sei lá! Nunca me disseram nada.
- São uns idiotas. Dê graças a Deus. Se eu fosse chefe de polícia, o senhor estaria aqui regularmente, com processo.
- Muito bem. Onde é que o senhor ia achar material para isso, doutor?
- Nos seus romances, homem. Com as leis que fizeram por aí, os seus romances dariam para condená-lo. [...]
- Está bem. Não tinha pensado nisso. (M.C. p.300)

O autor que só se atrevia “a expor a coisa observada e sentida”, transformava-se, conseqüentemente, num revolucionário teórico aos olhos das forças da repressão.

Temos, portanto, em dois lugares bastante distintos do mundo – o sertão alagoano e a República da Irlanda – dois escritores comprometidos com a liberdade dos seus concidadãos, compromisso esse refletido através da temática de suas obras, seus personagens, sua linguagem. A partir dos dois contos já mencionados – *A Truta*, e *Minsk* – analisaremos de que forma os dois autores reconstroem a esperança de liberdade metaforizada através de uma criança e um animal.

A grande quantidade de chuva na Irlanda, fez com que essa ilha, em grande parte rural, ficasse conhecida como Ilha Esmeralda. Os habitantes das grandes cidades costumam ir para o campo, durante as férias, e é um desses lugares muito verdes e pitorescos que configuram o *lôcus* ficcional do conto *A Truta* (*The Trout*), escrito por O’Faolain e traduzido para o português por Munira Mutran. O conto integra a antologia de contos irlandeses – *O mundo e suas criaturas* – organizada pela própria tradutora.

Logo na abertura do conto, o leitor depara-se com a informação de que a personagem Júlia e a família, mais uma vez chegavam a um desses lugares agradáveis no campo. O nome

TABULEIRO DE LETRAS

ANO 01 - NÚMERO 01

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens

Universidade do Estado da Bahia – UNEB

Departamento de Ciências Humanas – DCH I

do lugar não importa. É identificado simplesmente como ‘G’. O que realmente interessa é que lá existia um tal ‘Caminho Sombrio’,

[...] uma alameda de loureiros muito antiga, quase toda tomada pela vegetação selvagem, um imponente túnel da meia-noite de galhos fortes e lustrosos. No chão, as rijas folhas marrons não estalam porque nunca estão suficientemente secas: há sempre um quê de umidade fria.

A escuridão do túnel de vegetação envolvia Júlia, e seu grande prazer era atravessá-lo e encontrar a luz, no fim da alameda. Nesta temporada específica, a menina, já com doze anos, tinha uma satisfação a mais: apresentar o túnel ao irmão mais novo, que, evidentemente, morria de medo da aléia sombria. Ao contrário do menino, Júlia já entrara na fase das desconfianças: estórias de Papai Noel e Cegonha, por exemplo, não passavam de grande bobagem. Por isso mesmo, não deu ouvidos, quando lhe disseram que havia um poço no Caminho Sombrio. Acreditou que era mais uma grande tolice.

No entanto, como a curiosidade fosse maior do que a desconfiança, Júlia, fingindo indiferença, partiu para investigar a veracidade da informação. Encontrou um buraco escavado na rocha, escondido por samambaias, onde ofegava uma truta em cerca de dois litros d’água. Impossível entender como o peixe havia chegado àquela pequeníssima prisão. Como as explicações dos adultos não fossem convincentes, Júlia passou a ter a truta aprisionada como centro de suas preocupações, até que, enquanto todos da casa dormiam, levantou-se, pulou a janela e saiu correndo pelo Caminho Sombrio, levando às mãos uma jarra d’água, com a qual tirou a truta da “minúscula prisão”, desceu a margem íngreme do rio e lançou-a à água, fazendo do resto de suas férias um imenso fluir de alegria.

É possível construir, através da leitura do conto de Sean O’Faolain, a associação da liberdade da truta, à libertação da República da Irlanda. O peixe, ao ser lançado no rio, voltava a exercer o direito de viver no espaço que lhe pertence. A imagem é construída por meio de um dos recursos estilísticos mais utilizados na literatura: a metáfora. No caso, podemos utilizar o que George Lakoff (1980) chama de metáfora de conteúdo, envolvendo um espaço com limites definidos e elementos externos relacionados à ruptura de vínculos. As metáforas de conteúdo, associadas a um espaço visual, ainda que não demarcado por

TABULEIRO DE LETRAS

ANO 01 - NÚMERO 01

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens

Universidade do Estado da Bahia – UNEB

Departamento de Ciências Humanas – DCH I

fronteiras físicas visíveis, podem ser compreendidas como ingredientes de sustentação de representações afetivas. No caso do conto *A truta*, a representação afetiva, construída através da metáfora, mapeia o sentimento do autor em relação à sua nação: a luta do povo irlandês pela conquista do seu espaço de liberdade. Afinal, como nos lembra Lakoff, “poucos instintos humanos são mais básicos do que a territorialidade”³. A imaginação do leitor demarca, então, territórios ficcionais, definindo o que ‘deve’ estar dentro das linhas limítrofes. O lugar da truta não pode ser outro a não ser o rio, lembrando que, metaforicamente, a vida é fluida, e que “a intensidade de vida corresponde à quantidade de fluido do recipiente”⁴.

Passemos agora ao conto *Minsk* de Graciliano Ramos.

O conto, para um leitor mais precipitado, é de início, uma surpresa, uma pausa para o deleite. O escritor sisudo, comedido e de poucas palavras, que traz em sua literatura representações das grandes tensões sociais e psicológicas, aparece com um conto em torno de uma criança e um periquito. Na verdade, o texto ficcionaliza uma história verdadeira, que lhe foi contada, durante a lua-de-mel, por sua mulher Heloísa, protagonista da narrativa.

Minsk faz parte do livro *Insônia*, coletânea de contos de Graciliano publicada em 1947. O texto veio a público, pela primeira vez, no Suplemento Literário do jornal carioca *A Manhã*, em 5 de outubro de 1941, em pleno correr da Segunda Grande Guerra (1939-1945).

O leitor, logo ao início da narrativa, depara-se com a menina Luciana, que acaba de ser presenteada com um “periquito grande, com manchas amarelas”, que andava torto e era inchado. Assim como no conto *A truta*, o nome do lugar não importa. O que realmente interessa é que o presente gerou na garota um misto de admiração e triunfo, sentimentos que logo deram lugar a grande contentamento. Como a hospitalidade implica uma identidade nominável, Luciana estava ciente de que precisava batizar o periquito. Sem conseguir encontrar um nome sonoro, a menina abriu um Atlas, deixando que o bicho se movimentasse desajeitado pelo nosso planeta, de norte a sul, de leste a oeste. Finalmente, a ave se deteve

³ LAKOFF, 1980, p.29. Minha tradução de: “There are few human instincts more basic than territoriality”

⁴ LAKOFF, 1989, p.19. Minha tradução de: “The intensity of life corresponds to the amount of fluid in the container”.

TABULEIRO DE LETRAS

ANO 01 - NÚMERO 01

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens

Universidade do Estado da Bahia – UNEB

Departamento de Ciências Humanas – DCH I

sobre a cidade de Minsk, na então União Soviética, o que foi motivo para que a nova dona lhe desse esse nome.

Uma vez nomeado, Luciana passou a se dedicar integralmente ao bicho: mostrou-lhe a casa, advertiu-o sobre o perigo que eram os gatos, deixou de receber as amigas invisíveis, que antes sempre a visitavam, deixou de pintar a boca e as unhas, com ares de moça, deixou de andar nas pontas dos pés, esqueceu as fugas e aventuras na carroça do seu Adão. Limitava-se a esconder-se pelos cantos, tendo Minsk, empoleirado no ombro, de onde só saía para ser acariciado pela menina ou para realizar seus ímpetos de aventura e liberdade.

Agitavam-no caprichos, confusas recordações do mato, e batia as asas, alcançava a copa da mangueira, voava daí, passava algumas horas vadiando pela vizinhança. Satisfeitos esses ímpetos de selvagem, regressava, pulava dos galhos, pezunhava no chão, doméstico e trôpego.

Mas Luciana, desajeitada que era, tinha o hábito terrível de andar de costas, com os olhos fechados. E foi numa dessas experiências que pisou num objeto mole. Perplexa, sacudiu a cabeça, querendo ignorar o fato de que matara Minsk, transformado numa “trouxa de penas ensangüentadas”.

Tal como no conto de O’Faolain, a metáfora de conteúdo associada ao espaço visual pode também ser aplicada ao conto *Minsk*, podendo igualmente ser compreendida como ingrediente de sustentação de representações afetivas. A diferença, no entanto, é que, se no primeiro conto a truta retorna ao seu universo, recuperando a liberdade, no segundo, são eliminadas quaisquer possibilidades de largos vôos, com a morte do periquito. Se o contato com animais pode ser uma forma de conduzir a criança ao aprendizado e ao exercício do afeto, do cuidado, do respeito e da dedicação, na medida em que descobre que outros seres vivos precisam desses elementos para sobreviver, o conto de Graciliano nos traz um corte abrupto dessas possibilidades.

O mundo sob o impacto de uma guerra mundial, não oferecia grandes possibilidades para cochilos e “sonhos doces”. O autor introspectivo, que só expunha o que observava e

TABULEIRO DE LETRAS

ANO 01 - NÚMERO 01
Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

sentia não podia transferir para o papel nada além do pessimismo: “[...] o Eu, prisioneiro agonístico em face da liberdade de um Outro não-humano [...]”.⁵

Ao contrário da liberdade da truta, a morte de Minsk configura a desesperança, a impossibilidade do amor, da inocência, da liberdade, ainda que fugidia. *Ho Brasile* não passa de um ponto imaginário a oeste da Irlanda, a Ilha Brasil é ‘ilha da felicidade’ apenas para os celtas medievais, e ‘bres’ só configura ‘encantamento’ em irlandês. O imaginário medieval precisaria recriar uma outra ilha da fantasia, situada a oeste da Irlanda, que pudesse encantar a visão de mundo de Graciliano Ramos e fazer o periquito voar numa ‘terra de bem-afortunados’.

Referências Bibliográficas

FUNARI, Pedro Paulo A. Funari. In: *A origem do nome Brasil*, 14.08.2004.

<http://www.ultratextos.com.br/ler.asp?id=1170>

LAKOFF, George, JOHNSON, Mark. *Metaphors we live by*. Chicago and London: The University of Chicago Press, 1980.

LAKOFF, George, TURNER, Mark. *More than cool reason: a field guide to poetic metaphor*. Chicago and London: The University of Chicago Press, 1989.

MALARD, Letícia. Prefácio. *Insônia*. 29ª. Ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.

MUTRAN. Munira H. *O mundo e suas criaturas: uma antologia do conto irlandês*. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2006.

⁵ MALARD, Letícia. Prefácio. *Insônia*. 29ª. Ed. Rio de Janeiro: Record, 2003, p.151.

TABULEIRO DE LETRAS

ANO 01 - NÚMERO 01

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

O'FAOLAIN, Sean. A truta. Trad.: Munira Mutran. In: MUTRAN. Munira H. *O mundo e suas criaturas: uma antologia do conto irlandês*. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2006.

RAMOS, Graciliano. *Angústia*. 61ª.ed. Rio de Janeiro: Record, 2005.

_____. *Insônia*. 29ª.ed. _____ Rio de Janeiro: Record, 2003.

_____. *Memórias do Cárcere*. Vol.II. 27ª.ed. Rio de Janeiro: Record, 1994.

_____. Minsk. In: *Insônia*. 29ª.ed. _____ Rio de Janeiro: Record, 2003.